



Encruzilhadas da paisagem: Slam da Guilhermina e identidades negras no espaço urbano

Encrucijadas del paisaje: Slam de Guilhermina e identidades negras en el espacio urbano

E6_03 A cidade latino-americana na perspectiva da diáspora africana

Ana Claudia Castilho Barone

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Brasil
anabarone@usp.br

Tainã Antunes Valgas Dorea

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Brasil
taina.dorea@usp.br

Resumo: O Slam da Guilhermina é uma batalha de poesias realizada na praça anexa do metrô Guilhermina-Esperança, na Zona Leste da cidade de São Paulo. Destaca-se por seu caráter múltiplo e polissêmico e por ser o primeiro *poetry slam* a acontecer em espaço público. A ocupação do espaço urbano traz diferenças substanciais em relação às outras diversas batalhas de poesia mundiais, principalmente pela facilidade de acesso, sendo um importante espaço de poesia para a juventude periférica, especialmente a juventude negra. Considerando o Slam da Guilhermina como o ponto de cruzamento entre diversos saberes e culturas, que geram significados e linguagens, analisamos o espaço onde ocorre esse movimento cultural como parte constitutiva de representação de sua identidade cultural. A partir dos estudos da paisagem cultural, compreendemos a paisagem como materialização do processo contínuo de articulação que estrutura a identidade cultural do Slam da Guilhermina. O referencial teórico de Berque (2004), Cosgrove (1989) e Hall (2006) permite compreender o Slam da Guilhermina como uma paisagem cultural afrodiaspórica, cuja identidade se expressa por meio das afrografias e dos elementos simbólicos associados à apropriação do espaço público. Dialogando com o conceito de encruzilhada proposto por Martins (2021), a paisagem é entendida como o ponto de encontro de criação, recriação e posicionamento de múltiplas linguagens e saberes. Metodologicamente, a pesquisa baseia-se em visitas de campo, análises fotográficas, desenhos e entrevistas com fundadores do Slam da Guilhermina e os *slammers*, além da análise dos poemas

produzidos, buscando compreender as encruzilhadas que estruturam a paisagem do Slam da Guilhermina.

Palavras-chave: Slam da Guilhermina; encruzilhadas; paisagem; cultura afrodiaspórica.

Resumen: *El Slam da Guilhermina es una batalla de poesía realizada en la plaza adyacente a la estación de metro Guilhermina-Esperança, en la Zona Este de la ciudad de São Paulo. Destacase por su carácter múltiple y polisémico, así como por ser el primer poetry slam en realizarse en un espacio público. La ocupación del espacio urbano genera diferencias sustanciales en relación con otras batallas de poesía a nivel mundial, principalmente por la facilidad de acceso, constituyéndose como un importante espacio de producción poética para la juventud periférica, especialmente la juventud negra. Al considerar el Slam da Guilhermina como un punto de cruce entre diversos saberes y culturas, generadores de significados y lenguajes, se analiza el espacio donde ocurre este movimiento cultural como parte constitutiva de la representación de su identidad cultural. Desde los estudios del paisaje cultural, se comprende el paisaje como la materialización de un proceso continuo de articulación que estructura la identidad cultural del Slam da Guilhermina. El marco teórico de Berque (2004), Cosgrove (1989) y Hall (2006) permite comprender el Slam da Guilhermina como un paisaje cultural afrodiaspórico, cuya identidad se expresa a través de las afrografías y de los elementos simbólicos asociados a la apropiación del espacio público. En diálogo con el concepto de encrucijada propuesto por Martins (2021), el paisaje es entendido como un punto de encuentro de creación, recreación y posicionamiento de múltiples lenguajes y saberes. Metodológicamente, la investigación se basa en visitas de campo, análisis fotográficos, dibujos y entrevistas con los fundadores del Slam da Guilhermina y con los slammers, además del análisis de los poemas producidos, buscando comprender las encrucijadas que estructuran el paisaje del Slam da Guilhermina.*

Palabras-clave: Slam de Guilhermina; encrucijadas; paisaje; cultura afrodiaspórica.

Introdução

1,2,3, Slam da Guilhermina!
(SLAM DA GUILHERMINA, 2012).

O Slam da Guilhermina, localizado na praça anexa à estação Guilhermina-Esperança do metrô – junto à Linha Vermelha do metrô que corta e conecta a Zona Leste à Oeste de São Paulo, configura-se como um dos primeiros slams do mundo a ocorrer em espaço público. Por estar situado em uma localidade de fácil acesso pelo metrô, conforme a figura 1, o Slam reúne público de diversos lugares da cidade, o que implica um impacto direto na difusão da poesia ali recitada.

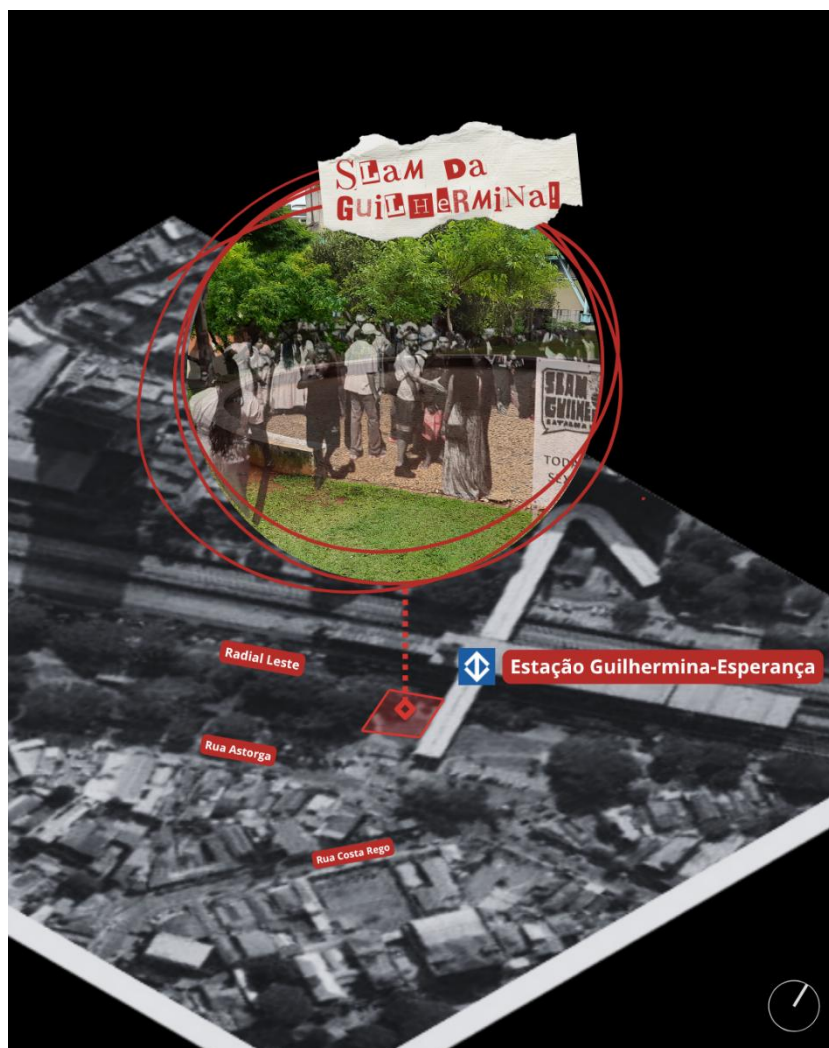


Figura 01: Localização do Slam da Guilhermina. Fonte: elaborado pela autora, maio de 2025.

O poetry slam constitui uma forma de expressão poética marcada pela oralidade, com participação direta do público. Surgido nos Estados Unidos, na década de 1980, como crítica à poesia estritamente acadêmica, o slam desloca a cena poética dos ambientes elitistas para espaços acessíveis à população geral. Nesse processo, o slam experimenta variações contextuais conforme seu trânsito pelos países. No Brasil, a inserção do slam surge articulada com práticas culturais periféricas, como o hip hop e saraus, tendo o protagonismo da juventude negra.

O presente artigo propõe analisar o Slam da Guilhermina a partir da perspectiva dos estudos da paisagem cultural. A proposta teórica articula o conceito de paisagem Berque (2004) e Cosgrove (1989) com o de encruzilhada de Leda Maria Martins (2021) e de identidade e representação de Hall (2006) para compreender o sentido da paisagem do Slam da Guilhermina e as diversas camadas simbólicas e culturais que a estrutura. A partir disso, compreende-se a materialização do processo contínuo de articulação que estrutura a identidade cultural do movimento cultural.

Metodologicamente, a pesquisa baseia-se em visitas de campo, análises fotográficas, desenhos e entrevistas com fundadores do Slam da Guilhermina e os slammers, além da análise dos poemas produzidos.

Percursos do *Poetry Slam*

Em meados da década de 1980, em um contexto de crítica aos rumos da poesia e reivindicação de democratização poética, e em um movimento de distanciamento literário do rol acadêmico, realizado principalmente a partir de autores como Joseph Epstein, em *“Who Killed the Poetry?”*, o slam nasce em um bairro operário em Chicago, justamente com o intuito de expandir a cena poética para além da academia. Marc Kelly Smith, um trabalhador da construção civil branco, foi o idealizador dessa nova modalidade de poesia.

A partir dessa premissa, Smith buscou apresentações pautadas na experimentação, a partir da poesia dadaísta, da experimentação musical e da arte performática. Mas foi com a competição poética realizada em uma apresentação no *Green Mill Bars*, no verão de 1986, a partir do julgamento da plateia dos poemas recitados – primeiro com vaías e depois com pontuações numéricas, que seus objetivos foram alcançados. Foi nesse contexto que surgiu o primeiro slam do mundo, o *Uptown Slam Poetry*, que ocorre até os dias atuais.

A lógica de participação da audiência rompeu com a tradicional audiência silenciosa, expandindo a experiência poética para além da escrita formal e a recitação unilateral e monotônica. O *poetry slam* traz e marca a oralidade a partir da teatralidade, pautado em cinco pilares principais: a poesia, a performance, a competitividade, o público e a interatividade.

A poesia do slam difere da poesia tradicional tanto pelo tempo quanto pela competição. As poesias recitadas devem ter, no máximo, três minutos. Além disso, não há pré-requisitos na competição: qualquer membro da plateia pode ser julgador ou slammer – denominação dada ao poeta que participa da competição.

O caráter transgressor do slam é reforçado pelo seu próprio nome. O termo slam é uma onomatopeia e está associado ao som de uma batida, emprestado dos torneios de tênis e de baseball. O slam configura-se como um choque, uma pancada no cenário literário estadunidense.

Marc Kelly Smith, em uma apresentação realizada para o TEDxLUC, em 2014, ressalta a massiva rejeição do poetry slam por diversos autores do mundo literário, a partir dos comentários sobre o movimento:

“I’m the cuprate that started the poetry slam. Some people love it, some people hate it. I’ve been accused of leading a movement that has denigrated the poetry to the level of TV sitcom. (...) Paris review, Harold Bloom: ‘I can’t hear those poetry slams. This isn’t even silly. This is the death of art.’ Amiri Baraka, the

famous beat: 'they make poetry a carnival.' George Bowering, poet lordy of Canada: *'Slams are abominations that are crude and extremely revolting'* (Smith, 2014).

O Slam se expandiu para outros centros urbanos, como Nova York e São Francisco, e também para áreas não-centrais. A dimensão da expansão do slam pode ser mensurada a partir da criação do *National Poetry Slam* (NPS), além de outros eventos, como o *Poetry Slam Incorporated*, que fomentou o *Individual World Poetry Slam* e o *Women of the World Poetry Slam*.

Além disso, o poetry slam enraíza-se em outros países, como Canadá, França, Brasil, Nova Zelândia e outros países. A Copa do Mundo Slam expressa o caráter mundial do movimento.

Embora o slam expanda-se articulado com o movimento hip hop, não é nesse contexto que ele surge. Marc Kelly Smith assume que o poetry slam é influenciado pelo folk das décadas de 1950 e 1960:

“As batidas dessa ‘poesia batendo’ têm a ver com outro estilo musical, que era o folk do final dos anos 50 e 60. (...) Esse estilo musical tem nas suas origens a cultura e tradições de um povo (*folk lore* que significa folclore) é o ritmo que conduz cada verso, que dá o tom da performance que “mexe” com o ouro segundo Smith.” (Della Croce, p. 69).

De acordo com Smith, essa influência decorre do idealismo do *folk* em mudar o mundo, e o contexto socialista por trás desse movimento. Della Croce (2023) ressalta que essa influência reflete sua posição-sujeito na sociedade, refletindo seus valores e representações sociais.

A associação com o hip hop ocorre posteriormente. A popularização do movimento, inclusive, configura-se como um terreno fértil para a disseminação do slam. Susan Sommers-Willett (2009), ressalta que a articulação com o hip hop, nos Estados Unidos, se deve principalmente a uma relação intrínseca entre os artistas afro-estadunidenses e o público branco da classe média. De acordo com a autora, a expressão negra, associada ao grito identitário, fascinava a classe média branca, principal público dos slams do país, que frequentava bares, cafés e livrarias. Os espaços, majoritariamente privados, assim, determinam o tipo de público que assistia às apresentações. O manifesto político identitário negro, no contexto estadunidense, não é desarticulado do universo branco, de forma que a sua aprovação culmina no seu consumo e disseminação.

No Brasil, o slam nasce associado ao hip hop e à literatura marginal periférica (Nascimento, 2009). Isso mostra que as articulações que consolidam o Slam na sua origem, em Chicago, são diferentes daquelas que consolidam o movimento no Brasil.

Estrela D’Alva importa o movimento para o contexto nacional brasileiro 14 anos depois do seu surgimento, no final do ano de 2008. A atriz, poeta, rapper e diretora, conhece o poetry slam a partir de outras duas iniciativas, de que também era fundadora: o Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, um grupo de teatro hip hop, e da Frente 3 de fevereiro, um grupo artístico multidisciplinar que buscava levantar o debate sobre o racismo do Brasil, em especial o racismo policial.

Os trânsitos de D'Alva por outros movimentos do cenário literário, como os saraus periféricos, mostram o ineditismo da ação. A partir disso, funda o ZAP! Slam, no bairro da Pompéia, em São Paulo.

No blog do ZAP! Slam, ativo até hoje, ela conta um pouco como foi esse processo:

Em julho de 2007, numa viagem a NY, tive a oportunidade de conhecer um slam ao vivo e em cores. Estive no Nuyorican Poets Café e no Bowery Poetry Club dois dos mais tradicionais clubes de poesia (e de slam) da cidade e pude ver de perto as batalhas. Descobri que existem mais de 500 comunidades de slam no mundo inteiro, nos países mais diversos. Fiquei com muita vontade de fazer um slam no Brasil, e um ano depois, após a estréia do projeto "Particularidades Coletivas", do qual o meu solo de spoken words "Vai te Catar!" fazia parte, eis que inauguramos a Zona Autônoma da Palavra- o ZAP! (ZAP Slam, 2008).

Foi na Zona Leste de São Paulo que o slam inaugurou a sua relação direta com a cidade, através do Slam da Guilhermina.

Slam da Guilhermina

Localizado na praça anexa à estação do metrô Guilhermina-Esperança, o Slam da Guilhermina destaca-se por ser um dos primeiros slams do mundo a ocorrer de forma contínua em espaço público. Essa ocupação traduz-se em um importante espaço para a juventude periférica e negra de São Paulo.

A trajetória do fundador Emerson Alcalde, sua inserção no cenário do hip hop, os saraus e sua participação em eventos internacionais contribuem para entender o processo de constituição do Slam da Guilhermina articulado com práticas culturais locais e internacionais.

Alcalde, nascido em Itaquapecetuba, em 1982, e criado no Cangaíba, na Zona Leste da cidade de São Paulo, inicia sua trajetória poética a partir do rap durante a sua adolescência, com o grupo Legião MCs: "Eu ouvia Racionais MC's e transcrevia letras, depois fui tentando escrever as histórias que eu via na minha rua, assim saiu minhas primeiras letras de rap. (Oliveira & Barros, 2015, p. 3). Observa-se o impacto do rap nos jovens da periferia durante essa época, conforme coloca sobre o grupo Racionais MCs:

O Racionais MC's captou a essência do jovem negro e periférico, superando aquela visão conservadora que o associa a imagens de alegres rodas de samba, romantizando sua situação. Mano Brown é perspicaz ao abordar a essência e luta cotidiana de tal jovem frente ao racismo e demais estereótipos, reafirmando sua identidade como não subserviente aos dogmas da estrutura social, revidando as opressões sofridas (Museu da Pessoa, 2015).

A atuação de Emerson Alcalde como rapper se deu, principalmente, no Itaim Paulista e em São Miguel, onde frequentava o sarau e o slam do M.A.P., na Praça do Forró, e o Sarau dos Umbigos, na Casa de Cultura de Itaim Paulista. Os saraus periféricos têm importante formação para o poeta:

Encontrei o sarau em 2006, 2007. Eu escrevia mais dramaturgia, escrevia rap um período, depois dramaturgias e foi nos saraus, vendo que eu falei: "Acho que a parada é mais escrever quase um rap meio que uma dramaturgia, vou misturar os dois", e eu acho que os meus textos estão um pouco nessa linha mesmo (Museu da Pessoa, 2015).

Nessa trajetória, o alcance da poesia de Alcalde expande-se além dos horizontes da Zona Leste de São Paulo. Sua participação no primeiro Slam do Brasil, o ZAP - Zona Autônoma da Palavra, no Núcleo Bartolomeu de Teatro, no bairro da Pompéia, e nos Saraus periféricos que se difundem na década de 2010, como o Cooperifa e o Sarau do Binho, ambos em Taboão da Serra, foram fundamentais para a construção do Slam da Guilhermina.

A participação de Emerson Alcalde no Movimento Cultural Ermelino Matarazzo aproxima-o do grafiteiro e historiador Vander Che, que o ajudou a idealizar a batalha de poesias. O Slam da Guilhermina surge principalmente com o intuito de conectar a Zona Leste com outras periferias da cidade.

Quando Emerson Alcalde namorava uma das fundadoras do Slam da Guilhermina, Cristina Assunção, – agora casados – o poeta viu o espaço potencial em que podia concretizar a batalha de poesias. Ao visitá-la no Jardim Samara, descendo na Estação Guilhermina para pegar a van em direção a casa de Assunção, Alcalde viu na praça localizada à esquerda da passarela do metrô um potencial cultural. O formato semicircular do banco assemelha-se a um teatro de arena, tornando-se propício para as apresentações, conforme a figura 2.



Figura 02: Banco semicircular na praça anexa ao metrô Guilhermina-Esperança. Fonte: acervo próprio da autora, 2024.

Outro ponto de destaque na trajetória do Slam da Guilhermina é a participação de Alcalde nas competições poéticas internacionais. Alcalde foi o representante nacional na Copa do Mundo do

Slam de 2014, na França. Essa participação foi determinante para o Slam da Guilhermina e o *poetry slam* no Brasil.

O Slam da Guilhermina, assim, culmina e converge numa manifestação cultural muito além das influências do slam fundado em Chicago, explicitado anteriormente: é hip hop, é literatura marginal e é a própria cultura da Zona Leste difundida e transfigurada nas suas relações com outras espacialidades da cidade de São Paulo.

Encruzilhada da paisagem

A identidade cultural é o ponto de partilha entre os participantes da batalha de poesia e pulsa nas poéticas produzidas. A partir da linguagem, da poesia e do verso-sujeito do *poetry slam*, há a construção de identidade. Essa identidade, parte estruturante do Slam da Guilhermina, consiste tanto na consolidação do sujeito poético, quanto na sua relação com o público, a partir da apropriação do discurso pelos espectadores e sua reprodução como forma de auto-representação, de forma que o espectador é “ativo e falante e não parte do auditório apenas ouvinte e passivo” (Oliveira, 2022, p.76).

Há, assim, um cruzamento entre o eu-poético, suas vivências e a sua autorrepresentação, e a vivência do espectador, em um processo de identificação. Essa identificação parte de uma identidade cultural estruturada principalmente a partir da identidade cultural associada à comunidade negra.

Se o Slam da Guilhermina é o ponto de cruzamento entre diversos saberes e culturas, gerando significados e linguagens, o espaço onde ocorre o movimento cultural também deve ser analisado, sendo parte do sistema de representação da identidade cultural dessa manifestação. Essa análise torna-se ainda mais pertinente pelo fato do Slam da Guilhermina ocorrer em um espaço público, o que permite compreender a cidade e o espaço urbano como parte do processo de representação. Não há como compreender o movimento cultural sem compreender o papel do espaço urbano na constituição dos sujeitos e na identidade cultural ou sem compreender o papel da identidade cultural que permeia o Slam da Guilhermina na produção do espaço urbano, num processo intercambiante. Isso dialoga com a afirmação de Hall:

“Temos vindo a tentar teorizar a identidade como constituída, não a partir de fora mas a partir de dentro da representação (...), não como um espelho de segunda ordem que ergue para refletir o que já existe, mas como aquela forma de representação que é capaz de nos constituir como novos tipos de sujeitos e, dessa forma, permite-nos descobrir lugares a partir dos quais podemos falar” (Hall, 2006, p. 34).

Nos estudos sobre a paisagem aparecem as relações entre identidade cultural e espaço. O espaço tem significativo protagonismo nas análises sobre a produção social da identidade. Martin & Bueno (2021), por exemplo, fazem uma reflexão sobre a produção do espaço a partir da apropriação do espaço público, como formas de ruptura em relação à segregação social e espacial. Apesar da importância dos estudos sobre espaço ligado ao Slam, estudar a paisagem permite compreender a reprodução da cultura no espaço. Há, no entanto, poucos trabalhos que relacionam os estudos da paisagem aos slams, especialmente o Slam da Guilhermina.

Para essa análise, torna-se importante compreender a paisagem como um conceito multidimensional. Conforme coloca Corrêa e Rosendahl (2004), as múltiplas dimensões da paisagem têm seu foco específico, a depender da matriz epistemológica adotada.

Assim, a paisagem pode ser lida a partir da morfologia – isto é, a partir das formas naturais e suas relações, conforme evidenciado pela geografia física – ou pelas suas dimensões históricas, quando entendida como um produto da ação humana ao longo do tempo. Também podemos analisar e

compreender a paisagem por sua dimensão simbólica e cultural, associada às camadas de significados, interpretação que interessa para o presente trabalho.

O estudo da paisagem cultural propõe compreender como expressão das relações entre cultura e espaço. Para Berque (2004), a paisagem é a “escrita da terra por uma sociedade”, significando a forma pela qual uma comunidade interpreta e marca o espaço de acordo com seus valores, práticas e representações. A paisagem, nessa perspectiva, deve ser considerada como um modo de relação entre o indivíduo e o mundo, situando-os numa cultura.

Cosgrove (1989) complementa essa visão ao enfatizar que a paisagem é formada por objetos culturais dotados de significados e que essa materialização cultural está vinculada não apenas ao que é visível, mas também às práticas que ocorrem naquele espaço. Dessa forma, a reprodução cultural não se dá apenas pela estaticidade da forma, mas pela reprodução dos valores culturais nessa paisagem, a partir de ritos formais, cerimônias ou mesmo a partir do reconhecimento patrimonial de edificações.

A relação entre cultura e poder também é central para Cosgrove, que aponta como diferentes configurações de paisagem – dominantes e alternativas – estão associadas à reprodução de valores culturais na paisagem.

A articulação entre as abordagens de Berque e Cosgrove possibilita analisar a paisagem do Slam da Guilhermina não apenas como espaço físico, mas como um produto cultural e simbólico.

Nesse sentido, o conceito de encruzilhada de Martins (2021) é fundamental para compreender como diferentes saberes, linguagens e práticas se intersectam na paisagem do slam. A encruzilhada é entendida como um espaço gerador de sentidos, um lugar em que diversas linguagens culturais se entrelaçam, criando e recriando identidades.

O Slam da Guilhermina configura-se como uma encruzilhada em que elementos do hip hop, da literatura marginal, das práticas periféricas, dentre outros aspectos, se sobrepõem e se misturam. É nesse ponto que os signos culturais associados à diáspora negra emergem, se confrontam e transformam em narrativas que consolidam identidades coletivas.

Afrografias

O Slam da Guilhermina configura-se como uma paisagem da diáspora pela ocupação e apropriação da praça a partir da identidade diaspórica associada a diversas linguagens e expressões - “rap, movimento hip-hop, educação, sarau, literatura, periferia, resistência, juventude negra, juventude feminina, performance, poesia, entre muitos outros”. Além dos elementos visíveis e físico-simbólicos associados à cultura diaspórica, a presença do corpo e da voz é determinante nessa consolidação e no processo de identificação que materializa e concretiza a cultura na paisagem. Aqui ressoam as palavras de Cosgrove: “O valor cultural que elas [as paisagens simbólicas] celebram precisam ser ativamente reproduzidos para continuar a ter significado” (Cosgrove, 1989, p.115).

A reprodução da paisagem do Slam da Guilhermina e seu valor simbólico, assim, estão associadas à identidade e à performance do poeta. Tal como coloca Martins: “A performance é que engendra as possibilidades de significância e a eficácia da linguagem ritual” (Martins, 2021, p.185). Enominamos essa performance como afrografia, termo cunhado por Leda Maria Martins que se refere aos atos rituais associados aos conhecimentos diaspóricos.

No Slam da Guilhermina, o evento inicia nas noites da última sexta-feira do mês, às 19h, com o poema de abertura supracitado. A batalha só dá início quando, em coro, ao final da poesia manifesto, sob a liderança dos fundadores do Slam da Guilhermina, todos gritam: **1,2,3, Slam da Guilhermina!**

A partir desse ritual, as afrografias são manifestadas através da oralidade e da interação entre *slammers* e o público, consolidando uma paisagem cultura que se materializa no encontro da identidade.

O corpo é parte da identidade do *slammer*. Esse corpo é parte constitutiva da paisagem pela performance e pela oralidade. “Assim, no âmbito das oralituras, o corpo é um portal que, simultaneamente, inscreve e interpreta, significa e é significado, sendo projetado como continente e conteúdo, ambiente e veículo da memória (Martins, 2021, p. 131).

O corpo vai além: é continuidade e uma afirmação da existência diante da diferença. Esse corpo é permeado pela temporalidade espiralar, a partir do processo de revisitar a subjetividade, de ser espectador e poeta, fundamentando o corpo-tela.

“Na performance ritual, o corpo-tela arrebatada e dele emanam todos os elementos que o compõem e imantam a coreografia dos movimentos, as ondas de sonoridade e de vocalidade, os vibratos, rítmicas e cadências, timbres, selos e sinete (Martins, 2021, p. 108).

Logo, o corpo voz é central nessa paisagem, onde são performados os gestos grafados no espaço. A performance é o código cultural que abre espaço para o corpo periférico existir. Martins (2021) pontua a importância do gesto na poética, de forma que, para a autora, o corpo é ferramenta de interpretação para a ação ou acontecimento reapresentado.

Elementos físico-simbólicos

Alguns dos elementos físico-simbólicos presentes na praça são o lampião, utilizado para iluminação da praça desde o primeiro evento do Slam da Guilhermina, o microfone, a bandeira e a árvore central da praça, que carrega a bandeira do coletivo.

A composição visual e paisagística a partir desses elementos ganha destaque por configurar uma extensão da identidade e da representatividade do *poetry slam*. Há, nesses elementos, um veículo de mensagem, uma ferramenta cenográfica para o corpo grafado. Nas batalhas de poesia, corpo e paisagem ecoam em uníssono, grafando a encruzilhada no tempo-espaço.

O lampião – figura 3 – foi utilizado desde o primeiro evento do Slam a partir de uma necessidade. Como a praça era mal iluminada, os fundadores realizaram a ocupação no improviso e optaram por utilizar um lampião emprestado, que se tornou símbolo da comunicação visual do Slam da Guilhermina e também está presente na poesia de abertura dos eventos, conforme mencionado anteriormente. Esse elemento ganha destaque também por simbolizar o processo de apropriação do espaço e da permanência do Slam na praça.



Figura 03: Lâmpião utilizado nas batalhas de poesia do Slam da Guilhermina. Fonte: Notícias R7.

O microfone, nesse contexto, também se configura como importante elemento paisagístico e extensão do corpo. O microfone faz parte da performance e potencializa a subjetividade, através da forma como o poeta o segura. Mais do que isso, o microfone tem forte relação com a cultura hip hop, já que:

“para um Mc’s sua identidade enquanto tal passa pela forma que ‘manuseia’ seu microfone, assim como passa também pelo que se expressa por meio dele, deste modo a materialização do rap enquanto música passa pelo microfone. Logo, passa a ser um dos artefatos do Rap com material indispensável para a afirmação de Mc enquanto sujeito que produz rap (...). O microfone assume para os rappers a possibilidade de se manifestar (Navarro & Ribeiro, 2012, 108).

Outro elemento é a amoreira (*Morus indica L.*) - figura 4 - no centro da praça, carinhosamente chamada de baobá, na qual é pendurada a bandeira do Slam da Guilhermina. O nome baobá remete a uma das espécies arbóreas associadas à cosmovisão iorubá, sendo o símbolo das relações entre o mundo sobrenatural e o mundo material, em que as raízes da árvore estão relacionadas à ancestralidade e o tronco representa a juventude. Essa correlação é reforçada por Leda Maria Martins:

No século XIX, um gigantesco baobá erguia-se, ainda majestoso, em Boma, capital do Reino do Zaire. Datada de aproximadamente 4.000 anos, a árvore assombrava os viajantes ocidentais que nele grafavam seus nomes e mensagens. Sinédoque e metáfora do corpus territorial e cultural africanos, esse baobá testemunha espetacularmente o vigor das fundações e raízes africanas e a permanência de seus textos, mesmo quando atravessados pelo palimpsesto do outro” (Martins, 1997, p.25).



Figura 04: Amoreira (*Morus nigra*) no centro da praça . Fonte: acervo pessoal da autora, 2024.

A denominação, assim, mostra a forte relação entre os participantes do *poetry slam* e as culturas afro-diaspóricas, visando seu resgate a partir de símbolos e signos. De forma análoga ao baobá descrito por Martins (1997), a amoreira-baobá do Slam da Guilhermina testemunha o corpo-identidade e a permanência da oralidade dos *slammers* e poetas negros que ali recitam.

A bandeira do Slam da Guilhermina (figura 5), de cor vermelha, com tipografia que remete às letras de *graffiti*, carrega diversos significados e marca no espaço a presença do Slam.



Figura 05: Bandeira do Slam da Guilhermina. Fonte: acervo pessoal da autora, 2024.

A cor vermelha pode estar associada a diferentes referências no contexto do Slam. Por um lado, ela remete à linha vermelha do metrô de São Paulo, na qual se localiza a estação Guilhermina-Esperança, ponto de encontro e de expressão cultural relevante para o movimento, conforme destacado por Melo (2021). Por outro lado, o vermelho também carrega significados políticos, sendo historicamente utilizado como símbolo das ideologias de esquerda. Como a esquerda se configura como um dos posicionamentos políticos que permeiam o universo do Slam da Guilhermina, essa cor pode ser compreendida como um elemento visual e simbólico que reforça os discursos e as identidades presentes nesse espaço de expressão artística e resistência.

Outro elemento de destaque na bandeira é o lampião, de suma importância para a identidade do coletivo. Já os livros presentes na bandeira, conforme pontuado por Melo (2021), possuem uma forte ligação com o ato político, evidenciando a relação intrínseca entre educação, poesia e transformação social. Dessa forma, esses elementos visuais não apenas ornamentam a bandeira, mas também traduzem, de maneira simbólica, os princípios e as lutas que orientam o coletivo.

Oralidade

A representação da paisagem através da poesia torna-se essencial para a compreensão do sentido dado à paisagem pelos participantes do slam. A representação é uma das formas que podemos compreender como parte do esquema de percepção - ou seja, da cultura (Berque, 2004).

Essa relação entre espaço e identidade pode ser verificada no próprio poema de abertura do Slam da Guilhermina:

Manifesto do Slam da Guilhermina

Guilhermanos e Guilherminas Guilher MANOS (coro)

Guilher MINAS (coro)
Guilher MANOS (coro)
Guilher MINAS (coro)
Guilher MANOS (coro)
Guilher MINAS (coro)
Guilhermanos e Guilherminas
Quem vencer essa noite será nomeado
Slampião ou Slampiã
Porém não levará para casa
A Maria Bonita
Vem
Pode chegar
Sob a luz da lamparina
Celebrando a poesia
No slam mais roots da América Latina
Ocupando a praça muito além da fumaça
Não duvide da fé
Porque Guilhermina é Esperança
Somos o bando do Lampião
E o nosso cangaço?
É Cangaíba nosso pedaço
Ermelino Matarazzo
Da Guilhermina a São Bento é só uma questão de tempo
Somos o Bando do Lampião
Praticando slam como num rachão de domingo
Só que pra gente também é balada
É resistência.
É celebração.
É convívio.
Guilher MANOS (coro)



Guilher MINAS (coro)

Guilher MANOS (coro)

Guilher MINAS (coro)

Guilher MANOS (coro)

Guilher MINAS (coro)

(ALCALDE, 2012).

Os versos são recitados independentemente do espaço em que o coletivo atua, reforçando a conexão com a espacialidade através da linguagem.

Conforme colocam Martin & Bueno (2021), a poesia ressalta diversos aspectos da afirmação periférica e espacial, tanto a partir da menção constante do bairro da Guilhermina, como também a partir do uso dos termos “manos” e “minas”, gírias utilizadas pela juventude da periferia. A Zona Leste aparece demarcada também a partir das menções a outros bairros, como o Cangaíba e Ermelino Matarazzo.

Outro ponto de destaque, também analisado pelos autores, é a apropriação do espaço público presente nos versos, a partir dos trechos “Vem, pode chegar” e “Ocupando a praça muito além da fumaça”.

Pode-se destacar também, na poesia, os diversos elementos representativos do espaço, de forma que os elementos da paisagem estão intrínsecos à formação da identidade territorial, presentes nos versos “Sob a luz da lamparina”, em referência ao lampião que ilumina a praça nos dias das batalhas de poesia:

“Assim, a composição visual do local adquire também uma atmosfera própria, o que permite que a comunidade se caracterize como a mais “roots da América Latina”. A palavra roots aqui é entendida como “raiz” e parece evocar uma origem tradicional ou ancestral que tem na oralidade sua forma primordial de expressão e compartilhamento de cantos e histórias” (Martin & Bueno, 2021, p. 63).

Considerações finais

O presente artigo analisou o Slam da Guilhermina como paisagem cultural afrodiaspórica, além da sua dimensão física e morfológica, mas como lugar de produção cultural e identitária - isto é, um local de produção de significado. A pesquisa demonstrou que o slam atua como uma encruzilhada de saberes, onde identidades negras e periféricas se materializam no espaço através da linguagem, da performance e da apropriação. Por fim, a articulação entre paisagem cultural e diáspora consiste em uma contribuição teórica a partir dos estudos da paisagem cultural, considerando que os estudos da diáspora na paisagem não têm sido abordados pelos teóricos do campo.

Referências

- BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Paisagem, cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. pp. 84–91.
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Apresentando Leituras sobre Paisagem, Tempo e Cultura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. pp. 1–12.
- COSGROVE, Denis. **Social formation and symbolic landscape**. Madison: University of Wisconsin Press, 1989.
- DELLA CROCE, Patrícia de Oliveira Forestieri. **A constituição dos sentidos no discurso feminino do slam da Guilhermina/SP** – das ruas para o livro “*slam da Guilhermina 5.0/6.0*”. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2023.
- HALL, Stuart. **Cultura, mídia e identidade: ensaios selecionados**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MARTIN, Vima Lia de Rossi; BUENO, André de Godoy. Slam e o direito à cidade: notas a partir do Slam da Guilhermina e do Slam Resistência. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**. Belo Horizonte, v. 31, n. 4, p. 51–71, 2021.
- MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: poéticas do tempo espiralar**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.
- MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: poéticas do tempo espiralar**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.
- MELO, Carolina Nascimento de. **A encruzilhada e as possibilidades do protagonismo da juventude negra: o caso do Slam da Guilhermina**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), São Carlos, 2021.
- MUSEU DA PESSOA. **Na luta pela poesia**. Museu da Pessoa, s.d. Disponível em: <https://museudapessoa.org/historia-de-vida/na-luta-pela-poesia/>. Acesso em: 10 jan. 2026.
- NASCIMENTO, Érica Peçanha. **Vozes marginais na literatura**. Rio de Janeiro: Aeroplano/Fapesp, 2009.
- NAVARRO, Alexandre; RIBEIRO, Antonio Ailton. **Rap e Arqueologia: parafernália musical como cultura material**. Diálogos, Maringá, v. 16, Supl. Espec., p. 99–112, 2017.
- OLIVEIRA, Cleber José de; BARROS, Patrícia Marcondes de. Slam’s, a poesia viva das ruas: entrevista com Emerson Alcalde. **Boitató**. Londrina, v. 19, n. 37, jan.–jun. 2024. DOI: 10.5433/boitata.2024v19.e51552.
- OLIVEIRA, Simony Alves de. **A voz (de levante) na ágora (do agora): análise dialógica de enunciados de Poetry Slam**. [S.l.]: Universidade Estadual Paulista (Dissertação de Mestrado de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa). Araraquara, 2022.

SMITH, Marc. **The Power of Slam Poetry** [vídeo]. YouTube, 6 jun. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dOpsS9H5dgQ>. Acesso em: 10 jan. 2026.

SOMMERS-WILLET, Susan. **The cultural politics of slam poetry**: race, identity, and the performance of popular verse in America. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2009.

ZAP SLAM. **ZAP SLAM** – poesia falada, slam e literatura periférica. s.d. Disponível em: <https://zapslam.blogspot.com/>. Acesso em: 10 jan. 2026.

